



O patrimônio cultural brasileiro e a criação do Iphan

Prof.Dr. Percival Tirapeli

O patrimônio cultural brasileiro e a criação do Sphan – uma introdução

- O patrimônio cultural brasileiro compreende desde a arte rupestre, passando pelos núcleos urbanos seiscentistas até os conjuntos arquitetônicos oitocentistas e os atuais. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – 1937, Sphan, depois Iphan.
- O recorte desta aula é o das primeiras publicações da Revista do Iphan e da aclamação dos monumentos como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, a partir de 1980.
- Decreto Lei de 30 de nov. 1937 “ *...aquele patrimônio do conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público quer por se acharem vinculados a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnológico, bibliográfico ou artístico...os monumentos naturais, bem como sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.*”

Antecedentes.

1841 - **Memória sobre a antiga escola fluminense de pintura.** Araújo Porto-Alegre

...Revista do Instituto Histórico Geográfico...

1888 – **Arte Brasileira** de Gonzaga Duque.

1915 – **Das artes plásticas no Brasil em geral e no Rio de Janeiro em particular** de Araújo Viana.

1938 - **Artistas do Rio de Janeiro Colonial** de Francisco Marques dos Santos.

1944 – **História da pintura do Brasil** de Reis Junior.

Eram na maioria historiadores de mentalidade idealista, positivista, observando as obras como progresso do espírito. Limitavam-se a biografias, descrição das obras, estilo e anedotas.



- *Viagens para Minas em 1917 e 1919.*
- *Arte religiosa em Minas, 1920*
- *Caravana paulista, 1924. (Blaise Cendrars)*
- *Aleijadinho, 1935.*
- *Redige o anteprojeto da SPHAN, 1937*
- *Jesuíno do Monte Carmelo, 1945*
- *Sítio S. Antônio doado ao Iphan, 1962.*
- *(Cartas de trabalho - 1981)*

Objetivos da Revista e do Sphan - I

- Projeto de construção de nação a partir de nova ordem política, social e econômica aliada ao ideário do patrimônio cultural.
- Criar mecanismos para a proteção legal do patrimônio com amparo jurídico.
- Projeto de Vargas assumido pelos modernistas sob o comando do Ministro Gustavo Capanema e Rodrigo Melo F..
- Integrar modernidade e tradição – caminho inverso dos modernistas – Lúcio Costa adere ao modernismo deixando o neocolonial
- Os mesmos intelectuais que criaram uma linguagem estética nova – de ruptura com o passado – buscaram na tradição o sentido de construção de nação.

Objetivos da Revista e do Sphan - II

- Mário e Rodrigo – formuladores. Lúcio Costa – área de tombamento.
- Carlos Drummond, chefe Seção de História. Afonso Arinos – do jurídico.
- M. Bandeira, do Conselho Consultivo. Restauradores : Édson Mota, Jair Inácio.
- Arquitetos: Paulo Tedim, J. Sousa Reis, Alcides Miranda, Edgar Jacinto
- Diretores Regionais : Sílvio Vasconcelos (MG), Luís Saia (SP).
- Colab.: Alceu A. Lima, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Hollanda, Germain Bazin, Hannah Levy, Robert Smith.
- Divulgar o conhecimento dos valores de arte e de história que o Brasil possui e contribuir para o seu estudo por meio de fontes confiáveis.
- “É um vasto domínio, reclamará longos anos de trabalho, assim como a preparação cuidadosa de especialistas”, R. M. F. A., na Revista nº 1.
- Um problema: o conteúdo da Revista ficara restrito à intelectualidade, distante dos objetivos propostos por Mário de Andrade de unir as culturas de todas as classes.

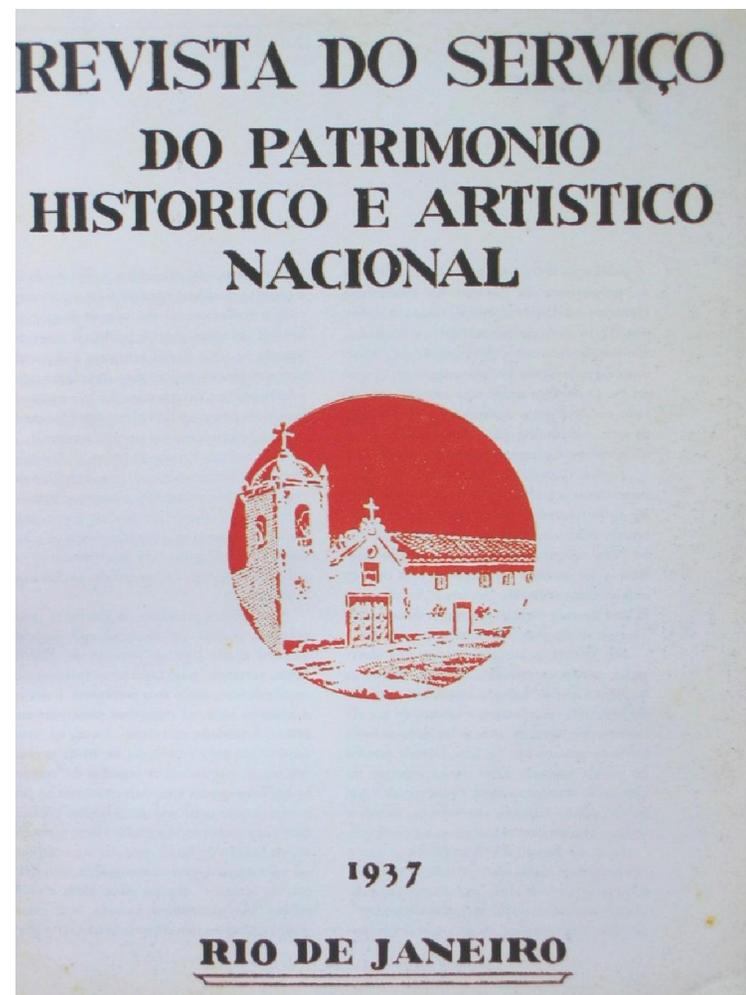
I - O estudo da arte brasileira com a criação do SPHAN.

Primeira Revista : 16 artigos e 4 notas.

Rodrigo M. F. de Andrade – responsável.
Reclama sobre excesso de artigos sobre arquitetura.

Elege o artigo de Mário de Andrade *A capela de Santo Antônio* com desenhos de Luís Saia e Nuno Santana, como modelo a ser seguido em pesquisa.

03/06/37...pelo material copioso e excelente que v. teve bondade de mandar para a revista. Seu artigo é de 1ª ordem: o tipo que deverá ser escrito para a revista. De todos os pontos de vista saiu uma coisa ótima. Copiarei os desenhos para que fiquem incorporados aos arquivos...



O artigo de Mário sobre a Capela

- Busca do sentido histórico no artigo sobre a Capela. Incorporação do tempo (ruínas) para serem compreendidos como fluxo de transformação. O passado é visto como agora e o futuro pode ser fugaz.
- Crê na ação do Serviço ...”a ausência de bibliografia a respeito da arquitetura nacional e portuguesa, vácuo que certamente em parte o SPHAN agora sanará, não oferece documentação para estudo e estou me contentando com lembranças – o que é muito frágil.”
- Nomeia novas práticas sociais, estéticas e históricas para desvendar a riqueza e a concretude da cultura brasileira.
- Sua missão e a dos modernistas – identificar e definir a existência e a dinâmica de uma cultura brasileira e de uma arte nacional emancipada da matriz artística européia.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

N.2



1938

RIO DE JANEIRO

Rodrigo Melo Franco de Andrade é o Diretor do Serviço e da Revista.

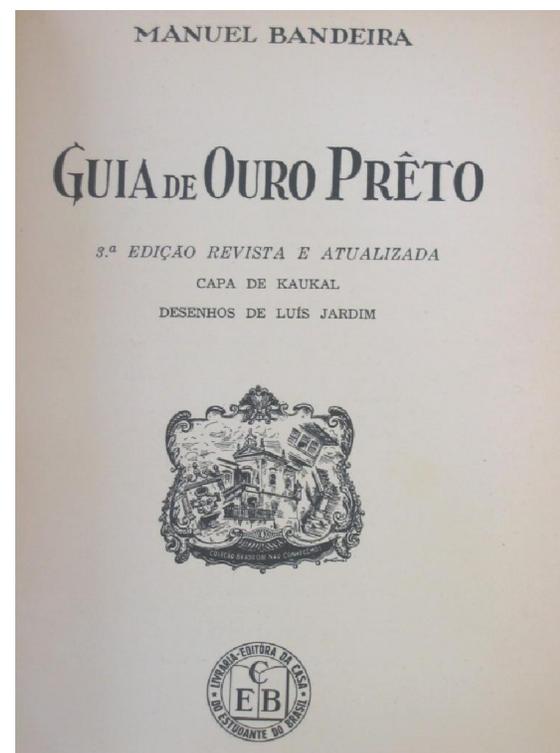
- Edita 11 n^{os} até 1947.
- Cria-se o Livro de Tombo.
- Irregular até 1984 quando adquire novo formato.
- Centros históricos tombados em 1938.

A photograph of a handwritten document in cursive script. The text is written in dark ink on aged paper. The document appears to be a record or a letter, mentioning a 'Cindico da Orde 3. del. Fran...' and a 'Procurador Corenta Oytava de ouro...'. The date is given as 'Dia 22 de Dez. de 1792'. The signature at the bottom is 'C. M. Franco de Andrade'.

Patrimônio cultural brasileiro

Contribuição para o estudo da obra do Aleijadinho - Revista nº2,1938.

- O primeiro biógrafo: Rodrigo Bretas, 1858
- Padre Júlio Engrácia, Furtado de Menezes e Diogo Vasconcelos no início do século XX, Mário de Andrade em 1935.
- 1934 - Feu de Carvalho, do Arquivo de Minas, diz não haver provas suficientes sobre a existência de Aleijadinho.
- O artigo de Rodrigo M. Franco abre caminho para o que faltava : historiografia artística com base científica, baseada em dados concretos obtidos nos arquivos paroquiais e irmandades - utilizados como fontes primárias, acrescentando-se-lhes a colaboração do raciocínio e da percepção sensível do articulista.
- Lança um novo método – histórico, reflexivo e crítico.**
- Não aceita a leviandade de Feu de Carvalho, busca provas e assinaturas de Aleijadinho. Justifica a credibilidade do artigo com 49 ilustrações, sendo 34 recibos do artista.



- Lançamento de *Guia de Ouro Preto*. M.Bandeira
- Vidas secas*, de Graciliano Ramos
- Lampião é morto

Patrimônio cultural brasileiro

Revista nº 3 - A orientação de Rodrigo M. F. Andrade

Luís Saia discute a procedência dos alpendres nas capelas brasileiras, discordando das idéias de Gilberto Freyre.

Rodrigo aceita o texto, mas pede cortes.

Motivos - pelo trabalho feito com Mário de A.

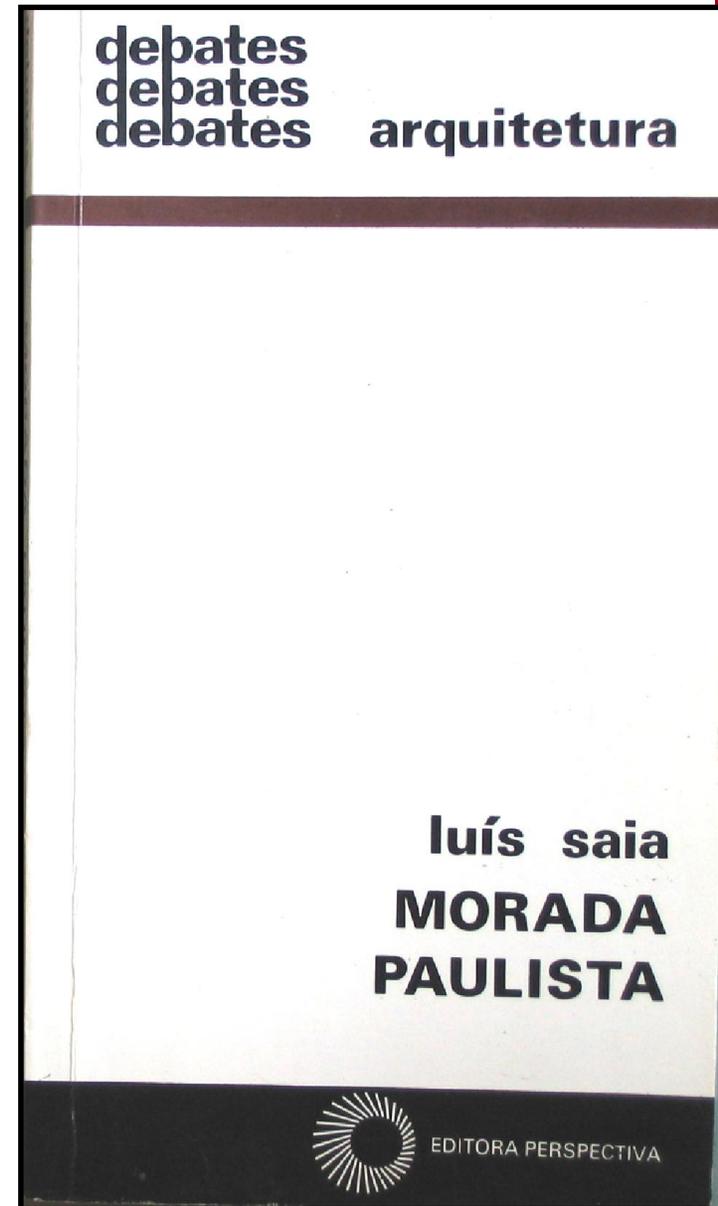
Aceita a crítica mas ameniza-a contra Freyre, que já estava sendo criticado por José Mariano Filho.

Preparava texto para a Revista.

Corta o excesso de citações por exceder o caráter de simples retificação.

Em **Morada Paulista** – teoria da miscigenação

Após a morte de Mário, Luís Saia substituiu-o no cargo de Ass. Técnico, em São Paulo, a 6ª Superintendência. Conservação e restauro – Embu, São Miguel e Sítio Santo Antônio.



Revista nº 3 : Sete Povos das Missões

Louvor a Getúlio Vargas

- Nesta Revista, Lamego, já no 1º parágrafo, homenageia Getúlio Vargas que “viu a luz do sol em São Francisco de Borja”. Cria museu.
- Retrata com tintas espessas a ação predatória dos bandeirantes paulistas, indo contra a visão ufanista dominante naquele momento.
- Usa fontes primárias adquiridas em leilões em Paris, bem como a reprodução de suas ilustrações.
- Fluminense, comprara importantes manuscritos na Europa. Mário os compra dele, iniciando assim a Coleção Brasileira na USP.



Lúcio Costa

A ARQUITETURA DOS JESUÍTAS NO BRASIL

O considerável acervo de obras de arte que os padres da Companhia de Jesus nos legaram, fruto de dois séculos de trabalho penoso e constante, poderá não ser, a rigor, a contribuição maior, nem a mais rica, nem a mais bela, no conjunto dos monumentos de arte que nos ficaram do passado. É, contudo, uma das mais significativas.

A circunstância de se ter iniciado a ação da Companhia em fins do Renascimento, quando os primeiros sintomas do barroco já se faziam sentir, e de se desenvolverem, depois, os dois movimentos paralelamente, levou alguns críticos a pretenderem englobar sob a denominação comum de "arte jesuítica" todas as manifestações de arte religiosa dos séculos XVII e XVIII. Ora, as transformações por que passou a arquitetura religiosa, juntamente com a civil, durante esse longo período, obedeceram a um processo evolutivo normal, de natureza, por assim dizer, fisiológica: uma vez quebrado o tabu das fórmulas neoclássicas renascentistas, gastas de tanto se repetirem, ela teria mesmo de percorrer — independentemente da existência ou não da Companhia de Jesus — o caminho que efetivamente percorreu, até quando o barroco, por sua vez impossibilitado de renovação, teve de ceder o lugar à nova atitude classicista e já o seu tanto acadêmica de fins do século XVIII e começo do XIX.

Atribuir-se, pois, à designação de "arte jesuítica" uma tão grande amplitude é, evidentemente, incorreto. Mas não se trata tampouco de uma expressão furta-cor e vazia de sentido, como muitos supõem, só porque as manifestações de arte dos jesuítas apresentam formas diversas, de

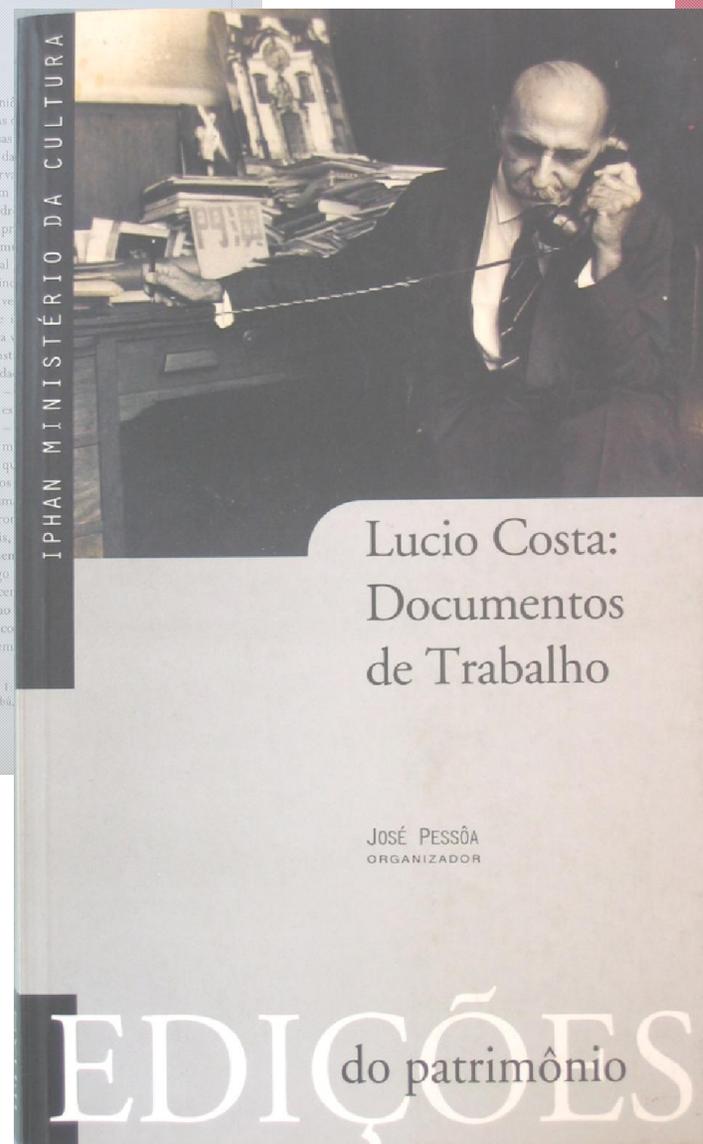
acordo com a conveniência com as características sensíveis, e mesmo daquelas que se podem observar que se acentuam vão afastando dos padrões do século XVI e da primeira metade do XVII, apesar das mudanças de material, de personalidade, de "espírito" jesuítico, de marca, o *cachê* que diferencia, à primeira vista, precisamente essa constância e pela moda — da composição, ora espartilhada, ora acima de todas as aventuras adotadas, e que verdadeiro "estilo" dos jesuítas.

Tratando-se de um "estilo", livre de compromissos monásticos medievais, situação particularmente impregnada, logo moderno, pós-renascentista.

Se isto é verdade, então, a expressão "arte dos jesuítas em

Fig. 1.
Enbô.

Revista Nº5, 1941



Lucio Costa - Nasce em 1902, forma-se arquiteto em 24 quando desenha as cidades mineiras. Em 31, diretor da ENBA em 36 projeta o edifício do Ministério, de 37 a 72 é diretor da Divisão de Estudos e Tombamento. Em 57 vence o concurso do Plano Piloto de Brasília, aclamado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade em 1987. Morre aos 96 anos em 1998.

Lúcio Costa - Plano de trabalho para a divisão de estudos e tombamento do DPHAN...

1. Natureza técnico-artística: inventário fotográfico, plantas.
2. Histórico-elucidativa: compilação dos dados, história da construção, artistas e artífices, circunstâncias em que foram realizadas as obras.
3. Sedes em diferentes distritos com “equipes” para colheita de material de inventário com dados histórico-elucidativos.
4. Corpo técnico específico: arquitetura e construção – pintura figurativo ornamental e douramento – talha e escultura – mobiliário e obras de torno – prata e ourivesaria em geral – louça, porcelana e demais cerâmicas – vidros e cristais.

Revista nº 6 - Hannah Levy e a análise pictórica

- Escreveu os artigos – *A propósito de três teorias sobre o barroco* (1941), *A pintura no Rio de Janeiro colonial : notas sobre suas fontes e seus aspectos* (1944), *Retratos coloniais* (1945) e *Modelos europeus na pintura colonial* – (Panofsky e Instituto Warburg)
- Preconiza o método científico da Escola de Viena: adota-se a teoria da visualidade pura.
- HISTÓRIA DA ARTE: do subjetivismo (que a colocava como sentimento) para situação como ciência.
- A obra de arte é um documento visual e reveladora de seu conteúdo e significado (Alois Riegl). Relaciona-se com as demais manifestações culturais (Dvorák). Categorias de Wölfflin e arte religiosa barroca de Èmile Mâle. Estudos das fontes indiretas propostas por seu mentor intelectual, o austríaco Hans Tietze.
- Tietze sugeriu aos historiadores brasileiros que buscassem a documentação nos documentos escritos, diários, autobiografias, registros de batismo, óbitos, livros de receitas, recibos, atas declaração de bens, cartas obras de viajantes, leis, reconhecimentos de firmas, restaurações, enfim a cultura da época.



Fig. 1: Nossa Senhora do Carmo, pintura atribuída a João de Souza. Século XVIII - Convento de Nossa Senhora da Lapa do Desterro.

Hannah Levy

A PINTURA COLONIAL DO RIO DE JANEIRO*

NOTAS SOBRE SUAS FONTES E ALGUNS DE SEUS ASPECTOS

O estudo das fontes constitui a base indispensável, a parte mais importante e, não raro, a parte mais difícil de qualquer trabalho histórico que pretenda ser mais do que uma simples enumeração de fatos isolados. Sendo uma das tarefas principais do SPHAN a de reunir a documentação básica, julgamos útil fazer preceder o nosso estudo sobre a pintura colonial do Rio de Janeiro de uma exame das fontes existentes sobre esse assunto.

É evidentemente impossível, nas ciências históricas, determinar, de modo exato e *a priori*, quais os documentos, fatos, tradições, objetos, etc. que constituem fontes para o esclarecimento de um dado assunto. De uma maneira geral, tudo – até as coisas aparentemente mais distantes do problema – pode tornar-se uma fonte preciosa. Além disso, determinado fato, p. ex., um documento que mencione o nome de um artista na qualidade de testemunha, pode constituir contribuição muito útil para a sua biografia, conquanto não seja uma fonte para a respectiva obra, etc. A utilidade ou o valor de qualquer fonte depende, pois, sempre da pergunta formulada pelo pesquisador. Existe, no entanto, uma série de perguntas e problemas que geralmente se repetem em todos os estudos de história da arte. E como é possível sistematizar tais perguntas, também o é, até certo ponto, estabelecer um esquema das principais fontes utilizadas pelo historiador da arte. A respeito da pintura colonial fluminense, podemos mencionar, entre esses problemas gerais, os da cronologia, da iconografia, da organização de um inventário

das obras existentes, da biografia dos artistas, das influências reconhecíveis, etc.

Todos esses problemas ficam, porém, subordinados ao problema principal da história da arte, que consiste no esforço de se chegar ao âmago da intenção artística de uma dada época, esforço que procura apurar, na totalidade das manifestações artísticas, a vontade de expressão que, sendo produto de um conjunto de determinadas condições históricas, – tanto no que concerne ao conteúdo como à forma – pode ser considerada como a mais clara e mais típica essência de um artista, de uma geração, de uma classe social, de uma escola ou de uma dada época. Vistas sob esse ângulo, as questões da cronologia e da iconografia, da biografia dos artistas, etc. representam apenas meios auxiliares, contribuições indiretas para a solução do problema principal.

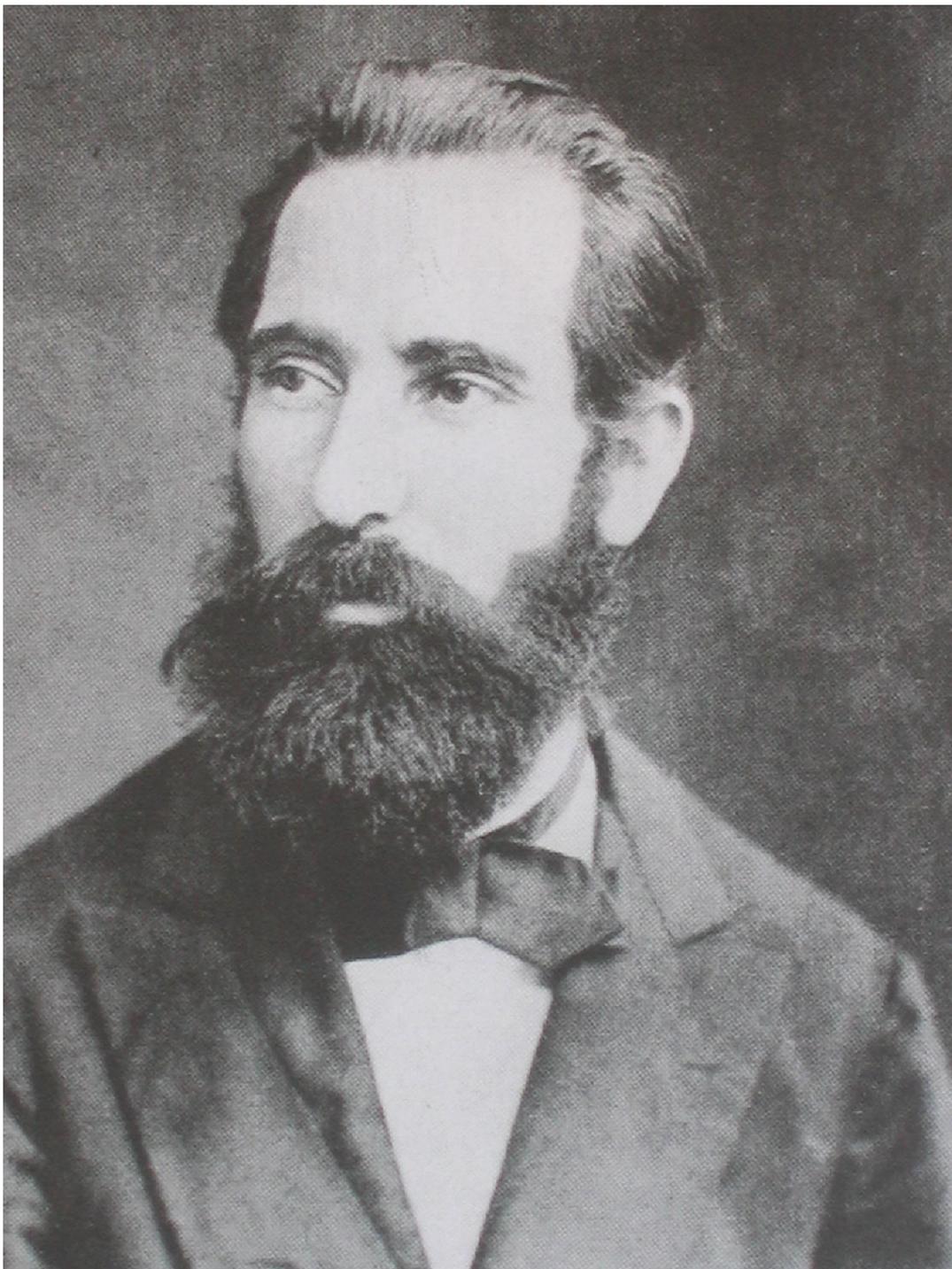
Dividam-se ainda, por conseqüência, as fontes em diretas e indiretas¹, considerando como fontes indiretas tudo o que não forneça uma contribuição imediata para a compreensão das intenções artísticas e expressivas das obras de arte. É claro que as fontes indiretas não têm menor importância do que as diretas. Estas, em

* N. E. – As pinturas que ilustravam o artigo de Hannah Levy foram reproduzidas em cores nesta edição, à exceção do retrato de Inácio da Silva Medella de autoria de Manuel da Cunha, que não foi localizado no acervo da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

1. É claro que a distinção entre fontes diretas e indiretas é, antes de tudo, um expediente teórico auxiliar, a fim de se conseguir maior clareza na exposição das fontes. Na prática, porém, esses dois gêneros de fontes freqüentemente se confundem.

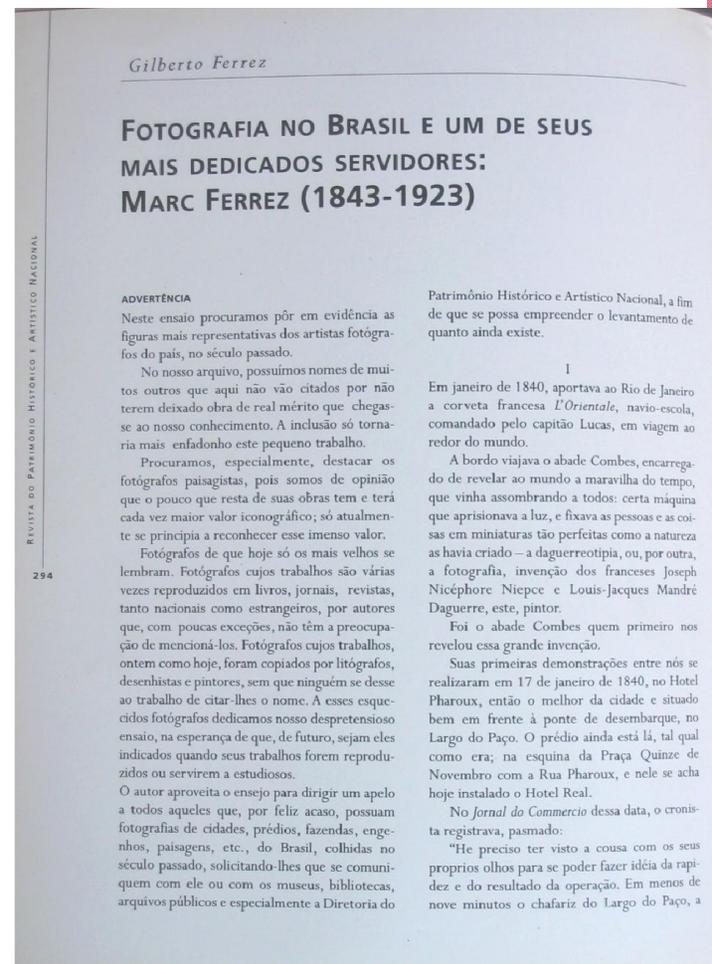
Revista nº 9 - Robert Smith (1912-1975) e os elos entre Portugal e Brasil

- Norte-americano, soma mais de 250 publicações. Doutor por Harvard, veio ao Brasil em 1937 e escreveu sobre Minas Gerais; em 40, sobre a arquitetura do Nordeste, ambos estudos precursores.
- Escreveu *Documentos Baianos*, na Revista nº 9, 1945.
- Outros escritos : *Arquitetura dos jesuítas no Brasil* (1948), *Arquitetura colonial baiana* (1951), *Arquitetura dos seiscentos e setecentos no Brasil* (1950) *Urbanismo colonial brasileiro* (1954) *Arquitetura civil no período colonial* (1969). Não concluiu *As Artes Plásticas no Brasil*, pois passou a concentrar-se em estudos no norte de Portugal. Seus estudos sobre a talha barroca são tão importantes quanto os de Germain Bazin, que concentrou-se na arquitetura religiosa e na obra de Aleijadinho.
- Pesquisou no Arquivo Ultramarino em Portugal.
- Na **Revista nº 7**, 1943, Gilberto Freyre escrevera o artigo *Casas e residências do Brasil*. No **nº 8**, Kurt Nimuendaju, sobre etnografia: *A habitação dos timbiras*. Na **nº 11**, 1947, Paulo Tedim Barreto escreve *Casas de Câmara e Cadeia*.



Revista nº 10 – 1946

Gilberto Ferrez e a nova face do Brasil – o século XIX dos fotógrafos.





Realiza a mostra *Pioneer Photographers of Brazil* em Nova Iorque, mostrando a importância da fotografia abaixo do Equador...

Photography In Brazil, 1840-1900 – Funarte e Fundação Pró-Memória - 1985



Ferrez inicia o **estudo da fotografia**, que estava fadada ao desaparecimento.

Valorização como documento histórico.

Mostra ao mundo a coleção Teresa Cristina Maria, da Biblioteca Nacional.

Reabilita a imagem do Império Brasileiro e o estudo sobre século XIX.

II - O patrimônio cultural brasileiro aclamado Patrimônio da Humanidade pela Unesco a partir de 1980.



Os 9 sítios históricos brasileiros



- Ouro Preto;
- Centro Histórico de Olinda;
- Centro Histórico de Salvador;
- Centro Histórico de São Luís;
- Ruínas Jesuítico-Guaranis de São Miguel das Missões;
- Centro Histórico de Diamantina;
- Santuário de *Bom Jesus de Matosinhos* (Congonhas do Campo);
- Plano Piloto de Brasília;
- Goiás.

Serra da Capivara – Piauí (1991)

Em 1991, foi enviado a Unesco o informe indicando sua “importância fundamental no âmbito arqueológico, antropológico e artístico”.



Sítio Arqueológico do Boqueirão da Pedra Furada, com passarela de observação de mais de 1.000 grafismos. São Raimundo Nonato, Piauí. Aclamado em 1991 pela UNESCO.

O critério para estabelecer este sítio como patrimônio cultural é que ele contém sítios arqueológicos, conjugando as obras do homem e da natureza, cujo valor é universal, bem como excepcional, desde o ponto de vista histórico e antropológico, único e extremamente raro, que remontam à Antiguidade.

A mais recente edição da Revista do Patrimônio nº 33/2007 é dedicada à Arqueologia (*Patrimônio Arqueológico: o Desafio da Preservação*).

Centro Histórico de Olinda (1982)

Olinda contém zonas de preservação urbana e ambiental. Patrimônio arquitetônico excepcional, com história ligada ao ciclo da cana-de-açúcar, possui traçado urbano quinhentista. Mantém tradições religiosas e de arte popular.



(esq.) Vista da cidade de Olinda.

(dir.) Igreja N.Sra. do Carmo.

Monumentos isolados tombados em 1938, o urbanismo em 1968.



Em Olinda, a arquitetura figura entre os esplendores da natureza tropical. Entre as ruelas, a vegetação luxuriante invade a colina. Olinda não é uma cidade, é um jardim transbordante de obras de arte, e que não cessa de polarizar e de perseguir a imaginação dos artistas – parecer ICOMOS

Salvador - a primeira capital brasileira (1985)



SPHAN tomba seus monumentos isolados em 1938. O centro urbano em 1984, como monumento nacional. Em 1985, a inscrição na lista da UNESCO confirma sua relevância como bem cultural de valor internacional na vida social e política. Não apenas do Brasil, como também do mundo português, por suas realizações artísticas e estéticas únicas do barroco luso-brasileiro e organização social da área.

Criação do **sistema de inventários** na Bahia, exemplo pioneiro para os inventários dos bens estaduais.



Vista do conjunto do Pelourinho.

Plano diretor em cinco etapas e reabilitação urbana: restauração dos imóveis e dotação de infraestrutura própria; organização físico-territorial e destinação da ocupação adequada ao conceito de Centro Histórico.

Centro Histórico de São Luis (1997)



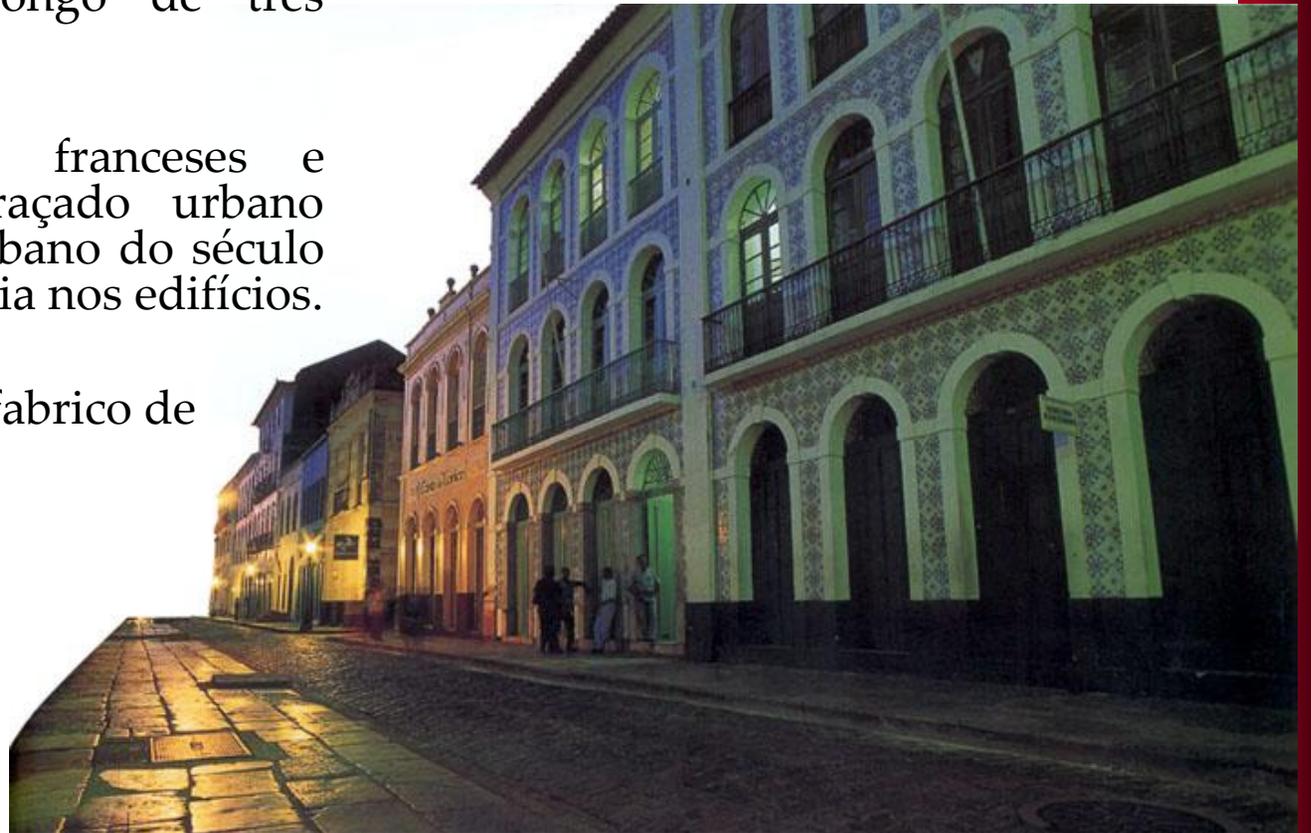
Tombamento SPHAN: **pensamento nacionalista.**
Preservação e aclamação pela UNESCO – **critérios de universalidade.**

São Luis – cidade dos azulejos

Tombamentos iniciados em 1955; nacional, pelo SPHAN, em 1964. A cidade conservou o legado arquitetônico, literário e humano, dotado de significação excepcional e um patrimônio monumental único no gênero, somado ao longo de três séculos de história.

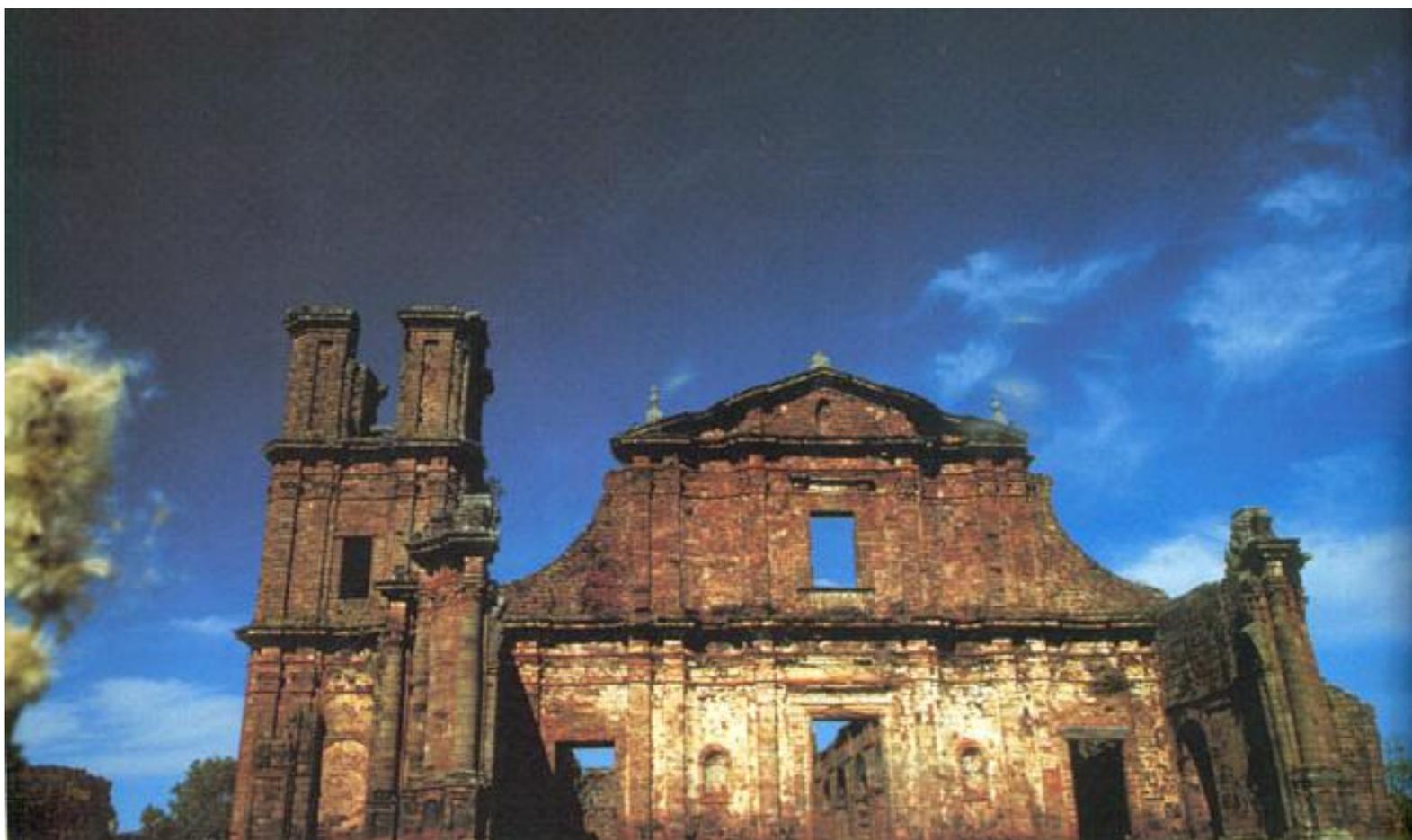
Palco de luta entre franceses e portugueses, possui traçado urbano seiscentista, conjunto urbano do século XIX, importante azulejaria nos edifícios.

Preserva o processo de fabrico de embarcações.

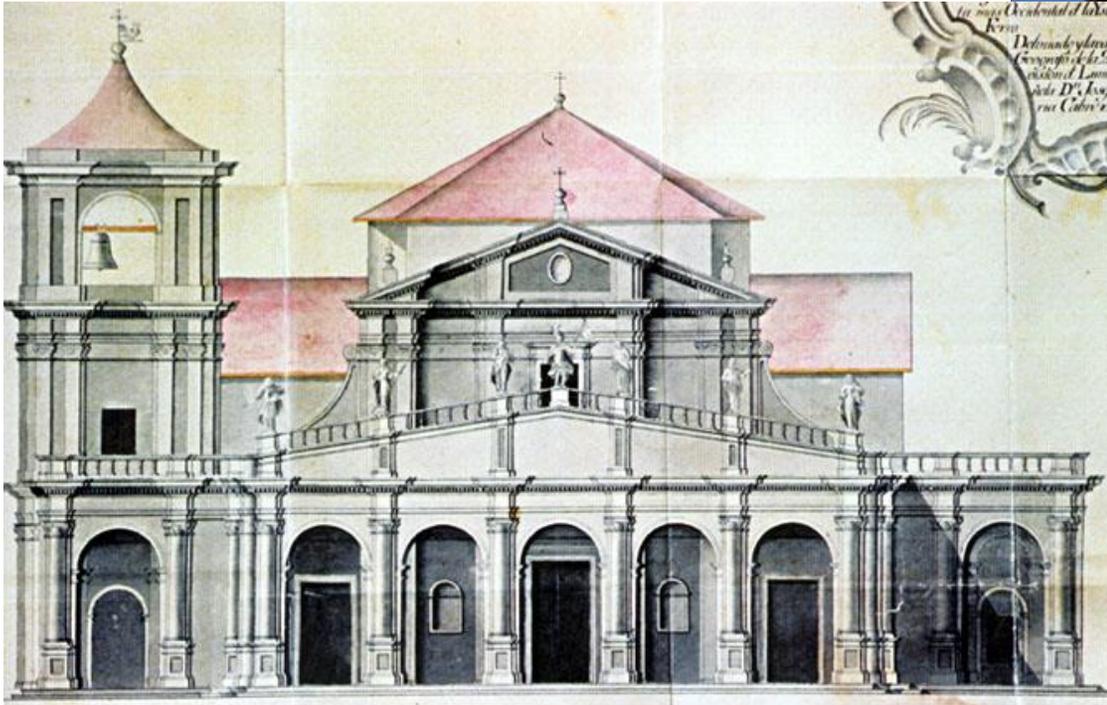


Ruínas de São Miguel das Missões (1938)

Monumento símbolo da criação do SPHAN 1938.
Obras de reestruturação em 1925. Lúcio Costa faz
Estudo e projeta o Museu das Missões em 37.
Aclamado Patrimônio da Humanidade em 1983.



Projeto João Batista Primoli – gravura de José Maria Caber – 1784.

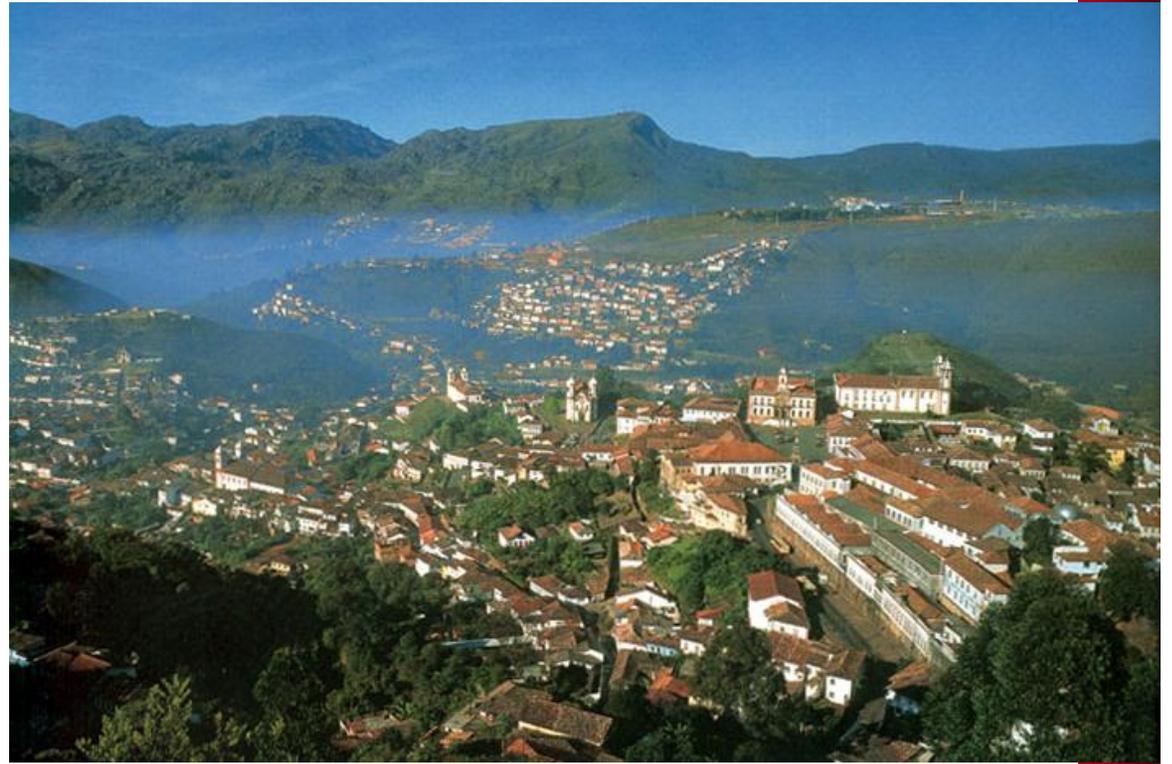


Acima, vista atual da nave central (1735 – 47)

Símbolo da agregação territorial, união nacional e identidade do povo gaúcho. Único exemplar das construções jesuítico-guaranis completo com torre e frontispício localizados no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Testemunho do nascimento de um novo mundo, gerado pela expansão europeia do século XVII e por ação civilizatória dos jesuítas. União do Cone Sul ao lado das ruínas de São Ignácio Mini na Argentina e Jesus Maria no Paraguai.

Ouro Preto (1980)

- Monumento Nacional em 1933.
- Tombamento SPHAN em 1938.
- Exemplar ímpar de urbanismo do ciclo da mineração do ouro (século XVIII)
- Marco da história do pensamento de liberdade, das artes plásticas e literatura
- Centro irradiador e de desenvolvimento do barroco mineiro – Aleijadinho e outros
- Movimento literário árcade brasileiro, e inspirador de obras de artes modernistas
- Urbanismo coeso, permeado de obras de artes – Mestre Ataíde
- Sítio natural de rara beleza – até onde a vista alcançar...
- Riscos – ocupação indevida no entorno e circulação de transportes pesados



Aleijadinho, artista e arquiteto



Antônio Francisco Lisboa, 1766 – 1802. Igreja de São Francisco de Assis.

- Artista aclamado pelos modernistas como responsável pela criação de obras genuinamente brasileiras.
- Seu gênio criativo ampliou-se por toda região do ciclo do ouro.
- Sua biografia inaugura e acirra a historiografia da arte brasileira.
- A identificação de autoria das obras coloniais é imperativa para os escritos da Revista a partir do artigo de Rodrigo.

Pintura Rococó de Mestre Ataíde

N. Sra. dos Anjos. 1802. Pintura do forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis.



Barroco Memória Viva-IA/Unesp

- Ouro Preto cidade símbolo da preservação do barroco brasileiro – Guia de Manuel Bandeira - 1938 .
- Criação do Museu da Inconfidência e Tiradentes eleito herói nacional pela República.
- Interiorização da cultura através da criação de museus da cultura brasileira

Patrimônio cultural brasileiro

Centro Histórico de Diamantina –MG (1999)

Tombado como acervo arquitetônico
e paisagístico em 1938.



Difere das cidades do ciclo do ouro enquanto urbanismo. Para lá se deslocou o universo barroco luso, adaptado a uma precariedade de materiais como madeira e barro. A flexibilidade da trama urbana se deve ao seu posicionamento, na encosta da montanha, no solo hostil, pedregoso e as montanhas emolduram todo perfil da cidade que aflora da rocha.

Patrimônio Imaterial:

Viver Diamantina é uma experiência inesquecível. Ruas estreitas entrelaçadas por ruelas que na madrugada se transformam em cenários para as serestas. Em junho musical, a juventude toma posse de seus espaços, com os sons das aulas e concertos do festival de música antiga. A cidade se cobre de galas nas festas religiosas que são tantas, que compartilham o calendário com as povoações vizinhas.

- Mário já previa em seu projeto de 37 a preservação dos bens espirituais ou imateriais.
- Apenas colabora com Sphan ao saber da prioridade arquitetônica e organiza a Missão Paulista de Folclore para mapear a sonoridade e danças do Nordeste.
- Política retomada por Aloísio de Magalhães com Pró-Memória
- A partir de 2000 preservação dos bens imateriais.



*Santuário de Bom
Jesus de Matosinhos*
e obra de Aleijadinho em
Congonhas – MG.
(1985)

*Tombado o acervo arquitetônico,
paisagístico e escultórico – 1938*



Vista da Via Crucis e santuário com profetas.

Consagração de Aleijadinho como artista e símbolo da arte colonial-brasileira.

- Estudos de Rodrigo, apresentação dos recibos e confirmação de sua obra com espírito de brasilidade, segundo Mário de Andrade.
- Estudado por Smith em seu primeiro trabalho, sobre Minas Gerais e os referenciais em Braga
- **Reconquista de Congonhas** – o maior restauro (Edson Mota) em conjunto, divulgado por Lourival Gomes Machado - 1957
- Consagração internacional com o livro de Germain Bazin.

Santuário de Bom Jesus de Matosinhos

- Obra de Aleijadinho, considerado o maior e último santeiro de espírito medieval do Ocidente, segundo Bazin.
- O mais relevante escultor colonial das Américas e de valor universal, cantado em prosa e verso.
- O santuário é síntese da religiosidade colonial e do pensamento artístico barroco/rococó que influenciou toda região aurífera. Para lá acorreram os maiores artistas do período.



Vista do santuário com os 12 profetas –
1800 -1805.

Cristo – Via Crucis,
uma das 66
esculturas em cedro –
1795 -99



Patr

Plano Piloto de Brasília (1987)



Vista da Esplanada dos Ministérios desde a Torre de TV com Palácio do Congresso e Lago Paranoá ao fundo. Lúcio Costa, 1957 e Oscar Niemeyer.



O plano, segundo Lúcio Costa, se refere a um gesto em cruz: "...um pássaro gigante voando em direção do sul para o leste. O eixo norte-sul, arqueado, define o traçado de uma larga via de comunicação itinerária ao largo daquela na qual se ordenam as zonas de residências articuladas em grandes quadras..."

Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer, 1958 - 1970, tombada em 1967.

Integrava-a a técnica mais avançada, no maior vazio, nos balanços imensos nela caracterizando a estrutura em concreto armado. O parecer do relator do ICOMOS, Leon Pressouyr, determinou a aprovação de Brasília como Patrimônio Histórico, Cultural, Natural e Urbano, PROCLAMADA EM 1987 recordando que ali se encontram os princípios urbanísticos do século XX presentes na Carta de Atenas (1943) e na maneira de pensar o urbanismo nos escritos de Le Corbusier.

Brasília: triunfo da modernidade já em 1957



Mas foi em Brasília que minha arquitetura se tornou mais livre e rigorosa. Livre no sentido da forma plástica; rigorosa, pela preocupação de mantê-la em perímetros regulares e definitivos. E se tornou mais importante, sem dúvida, pois se tratava da arquitetura de uma capital. Minha preocupação foi caracterizá-la com as próprias estruturas, afinando os apoios com o objetivo de tornar os palácios mais leves (... tocando o solo), e incorporei a arquitetura ao sistema estrutural, permitindo que, terminada uma estrutura, ela também estivesse presente, ao contrário dos edifícios usuais, onde aparece depois, pouco a pouco, com a colocação de pré-fabricados, brise-soleil, vidros, etc. Oscar Niemeyer.

GOIÁS (2001)



Chafariz de cauda, Goiás.

Como cidade mineradora, é a mais autêntica delas e em melhor estado. A expansão do bandeirantismo paulista até Goiás é um marco da superação dos limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas, que dividiu a América entre Portugal e Espanha.

- Ocupando ambas as margens do Rio Vermelho, no coração do Planalto Central Brasileiro, datada de 1726, Goiás inscreveu-se para ser patrimônio cultural, recebeu visita do ICOMOS, presidido por Suzanna Sampaio, e foi aclamada em dezembro de 2001.
- O desejo de interiorizar a cultura se realiza com a construção de Brasília e a aclamação de Goiás como patrimônio da humanidade.

Triunfo da Modernidade

Construção (1936 – 45) do edifício do Ministério da Educação no Rio.

Le Corbusier – Brasil Internacional

- Durante a II Guerra a arquitetura se liberta do racionalismo, criando na Pampulha (1942) a dinâmica expressividade do barroco histórico de Niemeyer.
- O estudo das formas, a dimensão autoral...foram mostradas em *Brazil builds* no Moma de Nova Iorque - em colaboração com DIP e organizada por Rodrigo, com catálogo de 200 páginas.
- Criação de Brasília

O espírito inovador do Iphan expresso na Revista

- Formulação de uma base de pesquisa histórica e estética – **na arte colonial** – em sintonia com correntes mundiais e colocando a arte brasileira no circuito internacional (Bazin, Smith, Levy, Valladares, John Bury.)
- Fase heróica do Sphan, aclamada como Universitária.
- Divulgação do trabalho realizado com uma das mais modernas legislações de patrimônio cultural(Mário).
- Mudança da mentalidade cultural – restauro e preservação do acervo ameaçado que não fosse do gosto neoclássico ou eclético – fora do *cânon* das belas artes.
- Monumentos tombados - Ruínas de São Miguel, Ouro Preto, Olinda, Diamantina, São Luís, obras sacras de Aleijadinho.
- Cria-se assim a base para a aclamação do patrimônio da humanidade no Brasil.

Bibliografia

- ANDRADE, Mário de. Padre Jesuíno do Monte Carmelo. São Paulo : Livraria Martins Editora, 1945.
- CAMPOFIORITO, Ítalo (org). Sessenta anos: a revista do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, Ministério da Cultura, 1997, n 26.
- CARRAZZONI, Maria Elisa (org). Guia dos bens tombados. Rio de Janeiro: Exped, Indústrias Gráficas, 1980.
- FURTADO, Celso. Sete teses sobre a cultura brasileira. in Revista Barroco nº 19. Belo Horizonte, Petrobrás, 2004.
- MACHADO, Lourival G. Barroco Mineiro. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- MAGALHÃES, Aluísio. É triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho/Nova Fronteira, 1997.
- MARX, Murilo. Cidade brasileira. São Paulo : Melhoramentos, 1980.
- OLIVEIRA, Franklin de. Morte da memória nacional. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade R. de. O Aleijadinho e o santuário de Congonhas. Roteiros do Patrimônio, Brasília : Monumenta/IPHAN, 2007.
- PESSÔA, José (org.). Lúcio Costa. Documentos de trabalho. Rio de Janeiro : IPHAN/Ed. Patrimônio, 1999.
- SAMPAIO, Suzanna. Monumentos brasileiros no patrimônio mundial. Revista Icomos, Brasil. Salvador, IPAC, 2000.
- TELLES, Augusto C. S. Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil. Rio de Janeiro, MEC/SEAC/FENAME, 1980.
- . Preservação dos bens culturais ontem e hoje ; amanhã? In Território do Barroco no século XXI. Revista Barroco nº 18. Belo Horizonte, Rona Editora, 2000.
- TIRAPELI, Percival. Patrimônio da Humanidade no Brasil/ World Heritage in Brazil São Paulo, Metalivros, 2007, 4º edição.
- _____(org.) Arte Sacra Colonial – Barroco memória viva. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.